

HERSON, Bella. Benjamin: de prisioneiro de guerra a industrial brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2001. 254p.

### **Luta e recomeço após a catástrofe: militares judeus na Segunda Guerra Mundial**

Alexandre Martins Soares\*

O livro de Bella Herson convida o leitor para adentrar numa história de ação, desespero e otimismo. A ação se inicia com a Blitzkrieg, a guerra relâmpago alemã, com seus blindados e seu avanço rápido da infantaria com apoio de caças e bombardeiros de mergulho, contra a Polônia. Essa devastadora máquina de guerra alemã vitimou a despreparada Polônia, desencadeando a Segunda Guerra Mundial. Bella Herson narra a saga de Benjamin Herson, coronel da reserva do exército polonês, mobilizado para o conflito.

Benjamin Herson e sua companhia caem prisioneiros dos alemães em uma guerra que, conforme Herson, para os poloneses já estava perdida em apenas cinco dias. As imagens e os acontecimentos narrados estão em nosso imaginário pelos filmes de guerra, como os transportes ferroviários de prisioneiros em precárias condições. O deslocamento forçado de populações foi amplamente realizado sob condições cruéis por Estados totalitários como a União Soviética e a Alemanha nazista, que no início da guerra assinaram um pacto de não agressão. Os transportes de seres humanos com destino a campos de concentração constituem mais uma fase do Holocausto preparado desde 1933 pela Alemanha de Hitler. A narrativa transporta o leitor por esse caminho incerto e perigoso em que se encontrava o coronel Benjamin que, além de militar, teoricamente protegido pela Convenção de Genebra de 1929, era judeu.

Os prisioneiros de guerra poloneses eram levados para campos na Alemanha sem ter notícias dos parentes que ficaram na Polônia sob o inimigo alemão. Os prisioneiros militares judeus ainda não tinham idéia da dimensão da tragédia que se configurava para seus entes queridos na Polônia: o confinamento em guetos, os fuzilamentos e os campos de extermínio. Não sabiam, também, dos perigos que eles, especialmente, como militares judeus, corriam. Confiavam na Convenção de Genebra e havia esperança, entre os prisioneiros, apesar da tensão, de que a guerra acabaria logo, pois a França e a Inglaterra viriam em seu auxílio. Os alemães também acreditavam na brevidade da guerra, com a vitória da Alemanha, é claro.

Bella Herson narra a construção dos campos de prisioneiros que se configurariam como provas materiais da sistemática preparação alemã para uma política de segregação e agressão na Europa. A guerra era, por assim dizer, o caminho natural para o nazismo: "Podia-se ver, pela organização e ordem reinantes, que tudo fora planejado nos mínimos detalhes. Já no ano de 1933, quando Hitler apenas chegara ao poder, os alemães já planejavam a guerra e tinham certeza na vitória." (HERSON, 2001, p. 24).

A narrativa conduz o leitor para os campos provisórios de Altengrabow e Osterode onde o sistema de campos alemães, segundo as leis raciais de Nürenberg, identifica e segregam os judeus através de suas filas, banhos e desinfecções. O coronel Herson foi confinado, junto a mais de cem companheiros, na chamada Barraca Judaica. A Gestapo fez várias tentativas de excluir essa barraca da Convenção de Genebra. A ameaça feita aos prisioneiros militares judeus estava sempre presente. Prosseguiam-se as práticas do sistema dos campos: contagens de madrugada e revistas intermináveis. Além dos arames farpados e das cercas elétricas, ao redor dos prisioneiros, as florestas alemãs de tantas histórias infantis de fadas e bruxas testemunhavam o seu martírio.

Uma perigosa cilada para os prisioneiros é descrita por Herson. Segundo a escritora, o artigo 32 da Convenção de Genebra proíbe empregar prisioneiros de guerra para qualquer serviço ou trabalho, mas os alemães faziam propostas atraentes em termos de soldo e alimentação para quem se fizesse voluntário. Quem aceitasse a proposta alemã, ou seja, trabalhasse em troca de soldo ou comida, perdia os direitos de prisioneiro de guerra. Isso teve, como não poderia deixar de ser, conseqüências fatais, especialmente para os militares judeus. Oficiais como Benjamin eram suficientemente informados para não caírem na cilada. O mesmo não se deu com muitos "praças", inexperientes e ansiosos.

Além da incerteza quanto ao destino de parentes, a ansiedade manifestava-se especialmente pelas *novidades no front*. O que chegava no início da guerra eram notícias desanimadoras dos avanços alemães em diversas frentes. Assim como o frio de invernos rigorosos, a precária alimentação dos prisioneiros, quase sempre caldos ralos de baixo teor calórico, deixavam os prisioneiros mais vulneráveis a doenças e ao desespero.

Quem já se sentiu terrivelmente triste ao ganhar uma roupa nova, de corte elegante e que com poucos ajustes, veste muito bem? Pois esse sentimento paradoxal é um dos curiosos fenômenos do campo de concentração de Woldenberg Offflag II C, destino de prisioneiros de guerra, narrados por Bella Herson. Os alemães proibiam aos prisioneiros militares possuírem roupas civis. Temiam que, em caso de fuga, eles pudessem enganar a polícia com maior facilidade. Enquanto isso, seus velhos uniformes iam virando farrapos. Até que os alemães, através do administrador de vestuário do campo, começaram a distribuir bonitas jaquetas militares da infantaria norueguesa sob esquí, uniformes da polícia dinamarquesa com golas vermelhas e elegantes uniformes da guarda real belga. Por trás dessa mistura de uniformes entre os prisioneiros militares estava fato de que esses países eram as novas vítimas da Blitzkrieg. A chegada os uniformes azuis e verde-oliva franceses foi um trauma porque indicava que havia falhado a linha Maginot, sistema de fortificações e casa-mata de defesa da França. Agora só restava a Inglaterra como uma tênue esperança.

Na narrativa de Herson, há casos de tentativa de "arianização" de prisioneiros poloneses não judeus com sobrenomes alemães. O que nos lembra o filme do cineasta polonês Andrezej Wajda, *Um amor na Alemanha* (Um Amour en Allemagne, Alemanha/ França, 1983), cuja personagem, uma comerciante alemã, tem um romance com um prisioneiro polonês, enquanto seu marido está na frente de batalha. Eles são descobertos e ao rapaz é oferecida a possibilidade de ter a cidadania alemã para livrar-se de um crime grave conforme as leis raciais nazistas.

Além do registro dessa política racista alemã, uma ameaça que pairava constantemente sobre Benjamin e colegas judeus, havia também o anti-semitismo de alguns fascistas poloneses do campo. Herson narra a tentativa de transformar a barraca judaica num gueto dentro do campo de concentração. Essa barraca atraía, também, a curiosidade de jovens recrutas alemães de passagem pelo campo. Intrigados, talvez, pelo fato de que aqueles oficiais judeus estavam em situação "privilegiada" se comparada a dos demais judeus, caçados, submetidos a trabalhos forçados e executados em vários países sob ocupação alemã.

Herson aborda, em determinado momento, a situação geopolítica dos países bálticos, em especial a Lituânia. De acordo com o pacto de não-agressão Ribentrop-Molotov, os países bálticos ficariam sob domínio russo. Estes concederam à Lituânia o domínio de Vilna em troca de concessões como bases soviéticas no país. A população judaica que até então tinha se livrado do domínio nazista, se viu vulnerável diante de anti-semitas lituanos. Quando os russos subjugaram a Lituânia, os judeus ainda sofreram com o processo de sovietação do país. Organizações sionistas caíram na clandestinidade,

mas continuavam a organizar ajuda e tentativas de fuga para os judeus. Dentre os dirigentes destas organizações, estava Menachim Begin que, depois, se tornaria primeiro-ministro de Israel.

Com a ruptura do pacto germano-soviético em junho de 1941, quando da invasão alemã da URSS, os judeus lituânios ficaram sob o alcance nazista. O episódio narrado por Herson mostra a tentativa de ajuda entre os judeus em meio a precárias condições de sobrevivência. Foram instaladas cozinhas e feitas doações de várias partes da Lituânia. Em meio ao esforço de sobreviver mais um dia, estava a preocupação com o futuro. Foram organizados, então, cursos de treinamento profissional. Vilna tornou-se, pois, palco dos Einsatzkommando (grupos de atividades alemães) que, sob ordens emitidas de Berlim por Reinhard Heidrich, deveriam ser dirigidos contra judeus e comunistas.

Loucura, esperança e otimismo: a invasão soviética pela Alemanha serviu para quebrar a apatia que tomava conta dos prisioneiros. Após quase dois anos no campo e de esperanças frustradas, Herson narra casos de loucura, depressão e suicídio. Agora havia um novo alento. Rodas de estrategistas formavam-se e oficiais discutiam sobre mapas os possíveis movimentos de tropas. Ouviam-se bombardeios aliados e o humor dos alemães também passou a mudar após notícias da rendição do 6º. Exército do general Von Paulus em Stalingrado.

Herson relata que no campo de Woldenberg não se morria sob as botas dos SS, ou [nas câmeras de gás] e crematórios, como em Auschwitz. O objetivo da terapia de Woldenberg era levar os prisioneiros à loucura. E o medo de enlouquecer era onipresente, principalmente quando um colega saudável começava a definir e a apresentar comportamento estranho.

O "Sonho Clarividente" do Coronel Z que gerou uma onda de ansiedade entre os prisioneiros é um dos episódios narrados. O Coronel Z profetizava que no dia 4 de outubro de 1942 os prisioneiros do campo Offlag II estariam livres. Peregrinos dirigiam-se à barraca do coronel, num impressionante fenômeno de delírio coletivo gerado pelo sistema do campo de concentração.

Eram realizadas espetaculares iniciativas para se proteger da loucura, relatadas por Herson. A educação foi uma delas. Havia, entre os prisioneiros, muitos oficiais da reserva e de carreira instruídos: arquitetos, advogados, engenheiros, farmacêuticos, veterinários, artistas, atletas, etc. Foram capazes de organizar no campo de concentração, uma universidade estruturada em departamentos, que chegou a ter uma biblioteca com milhares de livros e até emitiu diplomas posteriormente reconhecidos pelo governo polonês do pós-guerra. Muito importante foi a ajuda de organismos internacionais como a Cruz Vermelha e a YMCA – Associação Cristã de Moços. Na Segunda Guerra Mundial, com suas catástrofes humanitárias, está o embrião das modernas ONGs. Lamentável que nenhuma organização, governamental ou não, pode deter a grande catástrofe que foi o Holocausto, o extermínio sistemático de 6 milhões de judeus.

Além da universidade do campo, Herson fala da iniciativa de cultivar canteiros, ervas medicinais e práticas de atividades artísticas no esforço de conservar a saúde física e mental. Houve até, segundo a escritora, uma iniciativa empresarial no campo, em meio às precárias condições de vida.

Assim, numa lasca de terra inimiga, contornada por arame carregado de alta tensão, foi permitido aos prisioneiros "brincar de imitação da vida", com teatro, cafeteria, com política e economia próprias, correio, moeda, jornalismo, literatura, com cursos de línguas estrangeiras e até julgamentos de honra. (HERSON, 2001, p. 169). Tudo isso sujeito à censura alemã, bem como seus humores, que mudavam ao sabor do desenrolar da situação militar. Havia também, a disposição que alguns prisioneiros apresentavam de se expor a situações de risco, estando sujeitos a punições rigorosas.

O fechar do cerco dos aliados aumentava as esperanças para os prisioneiros de guerra como Benjamin, mas os perigos também cresciam. A situação de prisioneiros militares judeus tantas vezes ameaçados pela Gestapo, estava se tornando cada vez mais perigosa. Em setembro de 1943, relata Herson, os alemães já não mais respeitavam a Convenção de Genebra. O Marechal-de-Campo Keitel dera ordem de fuzilamento sumário de prisioneiros fugitivos recapturados. Fuga espetacular e tentativas frustradas são narradas pela autora, bem como o caos do último ano de confinamento e guerra: novos deslocamentos de prisioneiros mal agasalhados na neve, atormentados ainda pela fome, cansaço e vulnerabilidade em meio aos combates entre alemães e o Exército Vermelho.

Bella Herson conclui sua narrativa com as dificuldades enfrentadas por Benjamin depois da libertação: o confisco do lar materno pelo governo comunista polonês e as dificuldades dos judeus para emigrarem para o Brasil. A vontade de Benjamin Herson de continuar vivendo, de recomeçar em outro lugar, fazer planos e ter iniciativas após grandes catástrofes que proporcionaram sofrimentos físicos e psicológicos, é um exemplo de otimismo. Mais uma prova dessa sempre renovada esperança na humanidade que o povo judeu vem sustentando, ao longo de uma História que lhe tem sido tão injusta.

-----

\***Alexandre Martins Soares** é Licenciado em Cinema de Animação e Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG, com a dissertação *Memória audiovisual na sociedade informatizada: arquivos físicos e digitais*. Atualmente é professor do Departamento de Ciência da Comunicação (DCC) do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH no curso de Publicidade e Propaganda.